



Carta Aware

JANEIRO 2026

Leia mais em nosso site: www.awaregestao.com

Estados Unidos

O clima político-econômico americano transformou-se em febre baixa: os fundamentos de atividade mostram vigor limitado, com o PIB permanecendo numa trajetória mais alta do que muitos previam no ano passado, enquanto as instituições atravessam um momento de tensão que impõe prêmio de risco político extra às decisões financeiras e aos prazos de investimento. Os dados de crescimento robusto no terceiro trimestre continuam a ser referência para mercados e para a leitura de resiliência da economia, mas a convivência com inflação ainda acima do objetivo e sinais mistos de emprego colocam o mundo em compasso de apreensão.

A autoridade monetária optou por pausar a rodada de cortes esperada no primeiro trimestre, decisão que traduz prudência técnica diante de leituras inflacionárias persistentes e de uma remuneração real que ainda exige ancoragem. Membros do Fed destacam que a trajetória dos juros não está predefinida e que a política seguirá guiada pelos dados, não por cronogramas políticos. Ao redor desse núcleo técnico, desenrola-se um conflito institucional que reconfigura a política de risco. A sucessão no comando do Fed e as investigações envolvendo Jerome Powell colocaram a independência do BC sob pressão inédita, ao mesmo tempo em que a retórica política, com pedidos de cortes mais rápidos de juros e sugestões de interferência, torna decisões técnicas mais vulneráveis à instrumentalização.

Na economia real, a atividade industrial mostrou leve recuperação no início do ano, com o PMI avançando e sinalizando expansão manufatureira, enquanto alguns indicadores laborais foram afetados por atrasos na divulgação devido a paralisações administrativas (de novo), elemento que complica a leitura imediata da evolução do emprego e das vagas. A diplomacia e as iniciativas externas introduziram volatilidade adicional com alcance econômico direto. Movimentos de negociação com países como Índia, Cuba, Irã e Colômbia, e a criação de uma reserva estratégica de minerais críticos, alteram pautas comerciais e de segurança industrial que interferem diretamente em setores sensíveis (energia, semicondutores e mineração estratégica). Ao mesmo tempo em que acordos potenciais podem redirecionar fluxos de comércio e reduzir dependência de alguns fornecedores, eles também criam ruído político e riscos de retaliação que precisam ser incorporados aos cenários de stress.

A narrativa que vinha sendo construída nos meses anteriores encontra agora um nó prático: crescimento ainda presente, inflação resistente e um ambiente institucional que, se não readquirir limites nítidos entre política e técnica, aumentará o custo de capital e a volatilidade de eventos. A virada de página no calendário não apaga esse conjunto, ela apenas exige que Trump e cia. superem os devaneios aspirantes a estratégias no War, sem esquecer os erros do passado tal qual Trump vislumbra com os Epstein Files.

Europa

O bloco europeu inicia 2026 com a aparência de quem sobreviveu ao pior do vendaval e agora checa os estragos: o PIB da zona do euro avançou 0,3% no quarto trimestre, número que confirma resiliência doméstica suficiente para contrariar apostas de recessão e que reorienta o debate para qualidade do crescimento mais do que para sua mera existência.

A indústria continua a ser o ponto de tensão, em que os PMIs mostram que a atividade fabril segue em território de contração, ainda que parte da produção tenha retornado. Esse padrão traduz uma Europa que produz mais, mas vende com menos convicção, o que aumenta o prêmio por seletividade setorial na alocação de capital.

A Alemanha ilustra a ambivalência do momento com a dinâmica de saída da recessão ocorrendo através de estímulos públicos e ganhos modestos no PIB, enquanto a inflação teve leve alta em janeiro para cerca de 2,1%, voltando a flertar com a linha que preocupa o Conselho do BCE. Essa junção de estabilidade de preços, necessidade de gasto e fragilidade do mercado de trabalho define o dilema político do eixo central europeu.

No terreno externo, a aprovação (ou passos decisivos rumo à assinatura) do acordo Mercosul-UE redesenha margens e cadeias logísticas e funciona como um amortecedor contrachocos tarifários externos, ao mesmo tempo em que deixa claro que ganhos comerciais virão com distribuição assimétrica por setor e por país. A simultaneidade entre abertura de mercados e defesa normativa continua a marcar escolhas públicas: a Europa negocia acesso, mas não entrega sua régua regulatória sem discutir contrapartidas.

A cena política e monetária está permeada por incertezas de segundo grau, já que o BCE mantém opção por pausa nos juros, mas pesquisas mostram elevação nas expectativas de inflação de cinco anos entre consumidores, lembrando que âncoras psicológicas podem exigir resposta se persistirem.

A leitura prática para 2026 é pragmática e levemente implacável: a dispersão entre países e setores torna investimentos homogêneos suspeitos. A Europa tem combustível para crescer, mas cada litro foi etiquetado de forma diferente. Alguns motores aceleram, outros já pedem oficina.

Ásia**China**

O crescimento anunciado de 5% em 2025 confirma que a China continua capaz de gerar escala e resultados numéricos impressionantes, mas o sucesso esconde uma narrativa desigual, já que as exportações e a manufatura sustentaram o avanço enquanto consumo e investimento interno mostram sinais de fraqueza estrutural, apontando para um motor que puxa sobretudo para fora e que mal engata a marcha curta no mercado doméstico. Os dados de atividade entregam sinais contraditórios que exigem leitura fina, com o PMI industrial oficial entrando em território de contração em janeiro, evidenciando perda de ímpeto em novas encomendas e fragilidade na produção, enquanto levantamentos alternativos apontam recuperação nos serviços, criando um mosaico onde a reativação é parcial e setorial (bom para exportadores calibrados, ruim para quem precisa de demanda interna consistente). No mercado de insumos, a corrida por metais elevou o cobre a patamares que pressionam custos industriais e apertam margens em setores intensivos em commodities. Esse choque de preços reintroduz risco de repasses e compressão de lucros numa cadeia global que já opera com estoques e cadeias remanejadas após a última onda de disrupções. A política monetária mantém o tom pragmático e paciente. O Banco Popular da China optou por manter as taxas de referência, preservando estabilidade nas condições de crédito enquanto reserva munição para estímulos direcionados. A estratégia continua a combinar medidas convencionais com ferramentas micro direcionadas ao crédito e ao apoio a segmentos específicos, em vez de uma onda ampla de afrouxamento.

As recentes conversas de alto nível entre Pequim e Washington introduz outra camada de complexidade estratégica. Além de tratar de Ucrânia, Irã e Taiwan, os líderes discutiram comércio e a possibilidade de compras chinesas adicionais de petróleo, gás e produtos agrícolas dos EUA, incluindo aumento de cotas de soja, movimento que pode reduzir tensões comerciais no curto prazo e, simultaneamente, alterar fluxos de demanda e preços globais de commodities.

Em paralelo, avançam iniciativas não triviais de engenharia institucional: a introdução de mecanismo que remunera saldos do yuan digital busca aumentar a atratividade do e-CNY, expandir seu uso doméstico e facilitar transações transfronteiriças, objetivo que se conecta à ambição maior de reduzir dependência do dólar e de criar alternativas de liquidez e liquidação internacional. Trata-se de um movimento técnico com implicações financeiras e geopolíticas de longo prazo.

A narrativa dos meses anteriores permanece, em que os dados confirmam a capacidade de resposta externa da economia chinesa, mas não elimina o desafio central: transformar impulso exportador em recuperação interna sustentada sem ampliar desequilíbrios fiscais ou micro financeiros. Enquanto essa transição não se materializar de maneira clara, a economia seguirá oferecendo oportunidades de escala com necessidade de bases sólidas.

Ásia

Japão

O Japão atravessa uma encruzilhada em que normalização de política monetária, fragilidade fiscal e ambições estratégicas por recursos críticos se chocam de forma quase teatral, exigindo decisões que terão efeitos para além das suas fronteiras. Após a série de ajustes que elevaram a taxa básica a níveis que não se viam há décadas, a autoridade monetária debate cautela e reação: a volatilidade do iene e a persistência da inflação colocam o Banco do Japão entre o dilema de não ficar “para trás” na ancoragem de preços e o risco de apertar demais um mercado de dívida já pressionado.

A procura por minerais críticos transformou-se numa corrida estratégica de Estado. O achado de depósitos de terras raras em águas profundas e a participação japonesa em acordos trilaterais sobre minerais com EUA e UE ilustram uma política industrial que combina exploração de fontes próprias com coordenação internacional para reduzir dependências, especialmente em cadeias de semicondutores e baterias. Essa abordagem tem dupla implicação: reduz exposição a fornecedores dominantes no médio prazo, ao custo de investimentos caros e riscos ambientais e geopolíticos no curto prazo.

No terreno fiscal e político, a conjugação entre um endividamento público recorde e pressões populistas por estímulos amplia a fragilidade do quadro. A promessa de pacotes de gasto gera calendário eleitoral e política doméstica que tensionam a credibilidade fiscal e aumentam o prêmio exigido pelos investidores por risco de financiamento. A possibilidade de vitória confortável do partido no governo reduz risco político imediato, mas não resolve a equação estrutural de dívida e crescimento real, deixando o Japão vulnerável a choques de confiança em mercados de renda fixa.

A transição para uma fase menos previsível exige combinar disciplina fiscal com sinais claros de reformas laborais e produtividade. Sem essa combinação, aumentam as chances de que a recente normalização monetária se transforme em aperto doloroso sem ganhos duradouros no crescimento real.

América Latina

Argentina

A Argentina apresenta um quadro de paradoxos que exige leitura aguçada: os efeitos do ajuste fiscal implementado ganharam algum reconhecimento externo e abriram janelas de confiança que antes eram inexistentes, mas essa melhora de percepção convive com desequilíbrios e dúvidas sobre a profundidade do arranjo. A inflação segue elevada, embora dados apontem redução significativa em relação aos picos anteriores, o que cria espaço político para sinalizações de normalização. Ao mesmo tempo, previsões de mercado e metas oficiais divergem, mantendo incerteza sobre o ritmo de queda de preços ao longo de 2026. Para corroborar, a credibilidade estatística entrou em zona de risco com a renúncia do chefe do instituto responsável por medir a inflação às vésperas da adoção de nova metodologia, instalando dúvidas sobre a continuidade e comparabilidade das séries, exatamente quando a confiança em dados críveis é mais necessária para assegurar financiamentos externos e ajustar políticas.

Politicamente, o governo opera numa corda bamba geoconômica: alinhamentos públicos com Washington e o apoio instrumental de atores externos convivem com a necessidade prática de negociar com parceiros estratégicos, sobretudo a China, que continua sendo fonte crucial de comércio e investimento. Essa atuação como agente duplo é um mecanismo de pressão que pode abrir espaço para recursos e acordos, mas também cria vulnerabilidades caso os equilíbrios sejam mal calculados.

A sustentação de qualquer narrativa de sucesso hermano passa por três testes práticos: consolidação fiscal sem sufocar a recuperação, restauração clara da credibilidade das estatísticas e habilidade diplomática para conciliar parcerias simultâneas com Estados Unidos e China sem perder autonomia estratégica. Sem esses elementos, ganhos pontuais poderão rapidamente se desfazer diante de choques financeiros ou de confiança.

Chile

O Chile entra em 2026 com um semblante que combina alívio conjuntural e desafios estruturais, onde sinais positivos da política Kast recentemente convivem com limites que não se dissolvem em manchetes otimistas. O BC manteve a taxa de referência em 4,50% em decisão unânime, postura que expressa cautela técnica diante de indicadores mistos e que preserva margem de manobra caso pressões inflacionárias ou choques externos voltem a aparecer. A surpresa no fechamento positivo do PIB de 2025 reforça a narrativa de resiliência capaz de gerar carteira de oportunidades, mas não nivela as assimetrias: parte do avanço decorre de fatores cíclicos e de demanda externa, ao passo que a recuperação interna ainda não mostra tração suficiente para garantir sustentabilidade sem ajustes complementares em política fiscal e investimento privado.

América Latina

Chile (continuação)

No tabuleiro político, a agenda do governo de Kast ganhou atenção do mercado por incorporar medidas de liberalização e incentivos que animaram expectativas de curto prazo. Porém o entusiasmo precisa ser ponderado contra riscos eleitorais e sociais que podem reintroduzir volatilidade. A interação entre promessa de reformas pró-mercado e necessidade de manutenção de coesão social desenha um caminho estreito: avanços institucionais e clareza de implementação serão determinantes para transformar sinal positivo em recuperação sustentada.

México

O México entra em 2026 buscando oportunismo no caos: o BC mexicano manteve a taxa básica em 7% de forma unânime, sinalizando que a prioridade é ancorar expectativas num cenário em que a inflação projetada foi revisada para cima e riscos como depreciação do peso e choques externos seguem na pauta técnica. A economia mostra expansão moderada que legitima alguma confiança (o PIB cresceu 0,8% no quarto trimestre ante o trimestre anterior), mas esse avanço convive com pressões de preços que obrigam o Banxico a adotar postura cautelosa. A leitura conjuntural é de crescimento que não é sinônimo de complacência: ganho de atividade existe, mas o balanço entre estímulo e disciplina monetária permanece delicado.

No curto prazo, a Copa do Mundo virou uma variável que alguns analistas já incorporam em projeções de demanda e turismo, com bancos globais ajustando a previsão do PIB para cima, elevando expectativas de consumo e serviços no ano, o que abre janela tática para setores ligados a turismo, varejo e infraestrutura. Essa bonança calendarizada exige disciplina ao converter impulso sazonal em posição estrutural.

A agenda estratégica também ganha nova camada com coordenação em minerais críticos entre México e Estados Unidos, que realça o país como nó relevante em cadeias de suprimento de semicondutores e baterias. A oportunidade industrial vem acompanhada de exigência regulatória e logística que poderão redesenhar competitividade regional se implementadas com previsibilidade.

Cenário Macroeconômico | DOMÉSTICO

Brasil

No Brasil, o Banco Central manteve a Selic em 15,0% na última reunião, mas a comunicação trouxe uma sinalização relevante: se o cenário-base se confirmar, o início do ciclo de cortes pode ocorrer já em março. Ao mesmo tempo, o tom seguiu cauteloso e claramente dependente de dados, preservando flexibilidade e mantendo incerteza sobre a magnitude do primeiro movimento. Mantemos a expectativa de um corte inicial de 0,5 p.p., com a sequência do ciclo condicionada principalmente à dinâmica de serviços, ao comportamento das expectativas e à evolução do quadro fiscal.

Na inflação, as leituras recentes continuam sugerindo melhora marginal. O IPCA-15 de janeiro indicou inflação acumulada em torno de 4,5% em 12 meses, com composição qualitativamente mais construtiva. Bens industriais seguem contribuindo para a desinflação, enquanto núcleos e componentes associados a serviços mostram desaceleração gradual ao longo dos últimos meses, reforçando a percepção de arrefecimento das pressões subjacentes. Ainda assim, o patamar permanece acima do centro da meta e a inflação mais inercial segue exigindo prudência, sobretudo porque as expectativas em horizontes mais longos continuam apenas parcialmente compatíveis com a convergência.

Na atividade econômica, os dados sinalizam desaceleração heterogênea. Setores mais sensíveis ao crédito mostram perda de tração mais evidente, enquanto serviços permanecem relativamente resilientes, sustentados por renda e pelo mercado de trabalho ainda robusto. Ao mesmo tempo, já há sinais de acomodação gradual: a criação líquida de vagas e alguns indicadores de ritmo de atividade sugerem perda marginal de dinamismo, o que tende a reduzir o impulso de demanda ao longo do ano e favorecer a continuidade do processo desinflacionário.

No campo fiscal, o tema segue como principal condicionante do prêmio de risco e, por consequência, da velocidade de normalização monetária. A persistência de incertezas fiscais mantém a curva de juros mais sensível e torna o câmbio um canal relevante no balanço de riscos, tanto pelo pass-through para preços quanto pelo efeito sobre expectativas. Esse pano de fundo explica por que, mesmo com melhora na margem, o Banco Central evita antecipar um ciclo mais agressivo e reforça a necessidade de calibragem cuidadosa.

Em síntese, janeiro de 2026 combina inflação em trajetória de melhora marginal, atividade em desaceleração gradual e mercado de trabalho ainda forte, porém em processo de acomodação. A comunicação do Banco Central abriu espaço para o início de flexibilização em março, mas com ritmo moderado e dependente de dados. O balanço de riscos permanece assimétrico, com destaque para fiscal e câmbio como vetores-chave.

Juros & Câmbio

Em janeiro de 2026, o quadro de juros e câmbio foi marcado por uma reprecificação do "timing" e do "ritmo" de cortes nas principais economias, com o mercado oscilando entre uma leitura mais benigna para a inflação na margem e a persistência de prêmios relevantes nos vértices longos. Nesse contexto, a dinâmica de preços seguiu sendo guiada por dois vetores: (i) a calibragem da trajetória de política monetária (Fed e Copom) e (ii) o prêmio de risco associado a termos longos, especialmente quando a discussão envolve crescimento, fiscal e condições financeiras ainda restritivas.

Na curva americana, o mês foi de ajustes moderados, com a ponta curta mais sensível a dados e comunicação do Fed, e os vértices intermediários e longos refletindo a combinação de expectativa de cortes ao longo de 2026 com um componente relevante de term premium. Em termos de formato, prevaleceu a leitura de que a flexibilização, embora provável, tende a ser gradual, o que limita movimentos bruscos de fechamento na parte curta e mantém os vencimentos longos mais "ancorados" em prêmio, especialmente quando o mercado volta a discutir persistência inflacionária, oferta de títulos e condições financeiras ainda apertadas.

No Brasil, a curva respondeu principalmente à sinalização de política monetária e ao balanço entre desinflação na margem e prêmio fiscal. A indicação de que, se o cenário esperado se confirmar, o ciclo pode começar em março, ajudaram a organizar a precificação do curto prazo: a ponta curta ficou mais "travada" no debate sobre o tamanho do primeiro corte, enquanto o miolo reagiu de forma mais clara à perspectiva de início de flexibilização e a leituras mais construtivas de inflação. Já a longa continuou mais dependente de prêmio de risco, com o fiscal e a sensibilidade do câmbio funcionando como limitadores para um fechamento mais intenso e sustentado nos vértices mais distantes.

No câmbio, o real teve viés de apreciação ao longo do mês, apoiado pelo diferencial de juros ainda muito elevado e por um ambiente externo que, na margem, permitiu maior apetite por risco em alguns momentos. Ainda assim, a dinâmica permaneceu com assimetria: a moeda segue altamente sensível a mudanças no humor global e, sobretudo, ao noticiário doméstico ligado a prêmio fiscal, o que mantém episódios de volatilidade mesmo quando o carregamento é favorável.

Moedas

Dólar	5,22	-3,8%
Euro	6,22	-2,63%
Libra	7,02	-1,42%
Yuan	0,75	-2,46%
Iene	3,40	-1,73%
Lira Turca	0,12	0,00%

Evolução Dólar



Evolução DXY



Evolução Ouro



Bolsas

Em janeiro de 2026, a bolsa brasileira apresentou desempenho bastante construtivo, impulsionada principalmente pela forte entrada de fluxo estrangeiro e pela melhora na percepção de risco em relação aos mercados emergentes. O Ibovespa foi beneficiado pela valorização de setores ligados a commodities e energia, com destaque para Petrobras e Vale, além de desempenho consistente das instituições financeiras, que reagiram positivamente ao ambiente de maior estabilidade macro e à leitura de que o ciclo de aperto monetário doméstico se encontra em estágio avançado. O movimento refletiu não apenas fatores locais, mas também um contexto externo mais favorável ao risco, sustentando a continuidade do rali observada ao longo do mês.

Nos Estados Unidos, janeiro foi marcado por maior dispersão setorial e sensibilidade às oscilações da curva de juros. A pausa do FOMC no processo de cortes reforçou a percepção de política monetária ainda restritiva, mantendo as taxas longas em patamar elevado e pressionando ativos de maior duration. Nesse contexto, setores mais dependentes de crescimento de longo prazo apresentaram volatilidade relevante, enquanto segmentos mais cíclicos e ligados à atividade corrente mostraram desempenho relativamente superior.

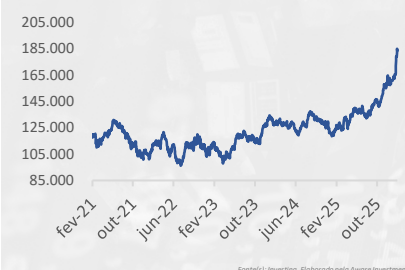
Adicionalmente, a aceleração de indicadores ligados à atividade industrial e a resiliência do mercado de trabalho sustentaram o otimismo com o crescimento econômico no curto prazo, favorecendo setores como industriais, energia e materiais básicos. O movimento das commodities contribuiu para essa rotação setorial, ao passo que a seletividade aumentou entre empresas de tecnologia, especialmente diante de valuations ainda exigentes e maior escrutínio sobre ritmo de crescimento e geração de caixa em um ambiente de liquidez menos expansionista.

No cenário global, as bolsas tiveram desempenho positivo, ainda que de forma heterogênea entre regiões. Mercados desenvolvidos fora dos Estados Unidos acompanharam parcialmente o movimento americano, enquanto emergentes foram favorecidos pela combinação de fluxo internacional, melhora do apetite ao risco e estabilidade nas expectativas de política monetária. De forma geral, janeiro consolidou um ambiente construtivo para renda variável global, sustentado por fundamentos econômicos resilientes e pela ausência de choques relevantes no início do ano.

Índices

Ibovespa	181.363	12,56%
S&P 500	6.939	1,4%
Nasdaq	23.461	0,95%
Euro Stoxx 50	5.947	2,7%
Shanghai	4.117	3,76%

Ibovespa



S&P 500



Índice EWZ



Perspectivas

As perspectivas para fevereiro de 2026 e adiante seguem ancoradas em um cenário de atividade global mais resiliente do que o esperado. Nos Estados Unidos, os dados recentes continuam surpreendentemente fortes, com indicadores de consumo, produção industrial e investimento corporativo sustentando um ritmo sólido de crescimento. O mercado de trabalho permanece resiliente, com baixo desemprego e dinâmica salarial ainda consistente, enquanto a fraqueza observada tem sido predominantemente setorial, e não disseminada pela economia. Na Europa e em outras regiões, observa-se uma recuperação mais generalizada dos PMIs, especialmente no setor industrial, reforçando a leitura de retomada cíclica global. Esse ambiente tende a sustentar a demanda por commodities industriais e metálicas, oferecendo suporte adicional aos preços desses ativos nos próximos meses.

No Brasil, os dados seguem confirmando a tendência de estabilização observada ao longo dos últimos meses, embora já com sinais de perda gradual de momentum na margem. A atividade permanece em nível razoável, mas com desaceleração em alguns segmentos mais sensíveis ao crédito e à renda disponível. Por outro lado, as leituras recentes de inflação e as projeções para os próximos trimestres continuam construtivas, abrindo espaço para o início do ciclo de cortes de juros já na próxima reunião, conforme sinalizado pelo Copom. Ainda assim, entendemos que as projeções do mercado e de parte dos economistas parecem mais otimistas do que o cenário que consideramos provável, sobretudo diante do quadro fiscal ainda desafiador e da necessidade de manutenção de prêmio de risco elevado na curva.

No mercado americano, observamos um ambiente de alocação mais seletiva, com preferência por empresas dos setores industriais e de materiais básicos, que tendem a capturar melhor a recuperação cíclica e o aumento do investimento em infraestrutura e reindustrialização. No setor de tecnologia, o movimento recente indica maior discriminação por parte dos investidores, priorizando companhias que efetivamente se posicionam como vencedoras estruturais no longo prazo e que conseguem monetizar a inteligência artificial de forma tangível, seja por aumento de eficiência operacional, seja por expansão de margens e geração de caixa. Em relação à curva de juros, enxergamos maior oportunidade na ponta curta, diante da pressão política sobre a condução da política monetária e das expectativas em torno do perfil do próximo presidente do Federal Reserve, o que pode limitar movimentos mais abruptos de alta nas taxas de curto prazo.

Já no mercado brasileiro, após o forte movimento observado em janeiro, em grande parte impulsionado por um contexto global mais favorável a mercados emergentes, a alocação em bolsa já não se mostra tão evidente quanto anteriormente. Diversas empresas passaram a negociar em patamares de valuation mais alinhados às médias históricas e, em alguns casos, mais próximos de seus pares globais, reduzindo o desconto relativo que sustentava a tese de re-rating. Por outro lado, o segmento de small caps ficou significativamente para trás nesse movimento, abrindo oportunidades potencialmente atrativas. Ainda assim, a seletividade permanece fundamental, uma vez que a curva de juros doméstica continua em patamar restritivo, mesmo com o início esperado do ciclo de cortes, o que mantém o custo de capital elevado e diferencia de forma mais intensa vencedores e perdedores no mercado acionário local para os próximos meses.



Disclaimer

Nossas opiniões são frequentemente baseadas em várias fontes, já que despendemos grande parte de nosso tempo com análises de amplitude global de vários bancos, gestores, corretoras e consultores independentes.

Todas as opiniões contidas neste relatório representam nosso julgamento até esta data e podem mudar sem aviso prévio, a qualquer momento.

As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo e não devem ser consideradas como uma oferta de aquisição de cotas dos fundos de investimentos. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura, sempre leia o prospecto e o regulamento antes de investir.

Be **AWARE** with your
investments

AWARE INVESTMENTS
Multi Family Office

Brasil • Portugal • Suíça

contato@awaregestao.com
www.awaregestao.com